



UNICAMP



Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial

# Relatório

de

## Acompanhamento Setorial

# INDÚSTRIA MOVELEIRA

VOLUME I

Junho 2008





# **RELATÓRIO DE ACOMPANHAMENTO SETORIAL INDÚSTRIA MOVELEIRA Volume I**

## **Equipe:**

Marcos José Barbieri Ferreira (Unicamp)

Daniela Salomão Gorayeb (Unicamp)

Pesquisadores e bolsistas do NEIT/IE/Unicamp

Rogério Dias de Araújo (ABDI)

Carlos Henrique Mello (ABDI)

Jorge Luís Ferreira Boeira (ABDI)

**junho de 2008**

Esta publicação é um trabalho em parceria desenvolvido pela Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial – ABDI e o Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

## SUMÁRIO

<b>I. Padrão de Concorrência e Estrutura de Mercado da Indústria de Móveis .....</b>	<b>1</b>
1.1. Os Diferentes Segmentos da Indústria Moveleira .....	1
1.2. O Dinamismo Concorrencial .....	2
1.3. Estrutura de Mercado.....	3
<b>II. A Indústria Mundial de Móveis: Características Gerais e Desempenho Recente.....</b>	<b>4</b>
II.1. Evolução do Comércio Internacional.....	4
II.2. Características Gerais dos Principais Países Produtores.....	6
<i>Itália</i> .....	6
<i>Alemanha</i> .....	7
<i>França</i> .....	7
<i>Polônia</i> .....	7
<i>EUA</i> .....	8
<i>Canadá</i> .....	8
<i>China</i> .....	9
<b>III. A Indústria Brasileira de Móveis: Características Gerais e Desempenho Recente..</b>	<b>9</b>
3.1. Estrutura de Mercado e Concentração.....	9
3.2. Emprego e Renda .....	10
3.3. Produção e Valor Adicionado .....	12
3.4. Comércio Exterior .....	15
3.5. Os Pólos Moveleiros Nacionais.....	19
<i>Bento Gonçalves (RS)</i> .....	20
<i>São Bento do Sul (SC)</i> .....	21
<i>Arapongas (PR)</i> .....	21
<i>Ubá (MG)</i> .....	21
<i>Linhares (ES)</i> .....	22
<i>Mirassol (SP)</i> .....	22
<i>Votuporanga (SP)</i> .....	22
<i>Grande São Paulo (SP)</i> .....	22
<b>IV. Desafios Competitivos da Indústria Brasileira de Móveis .....</b>	<b>23</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>25</b>

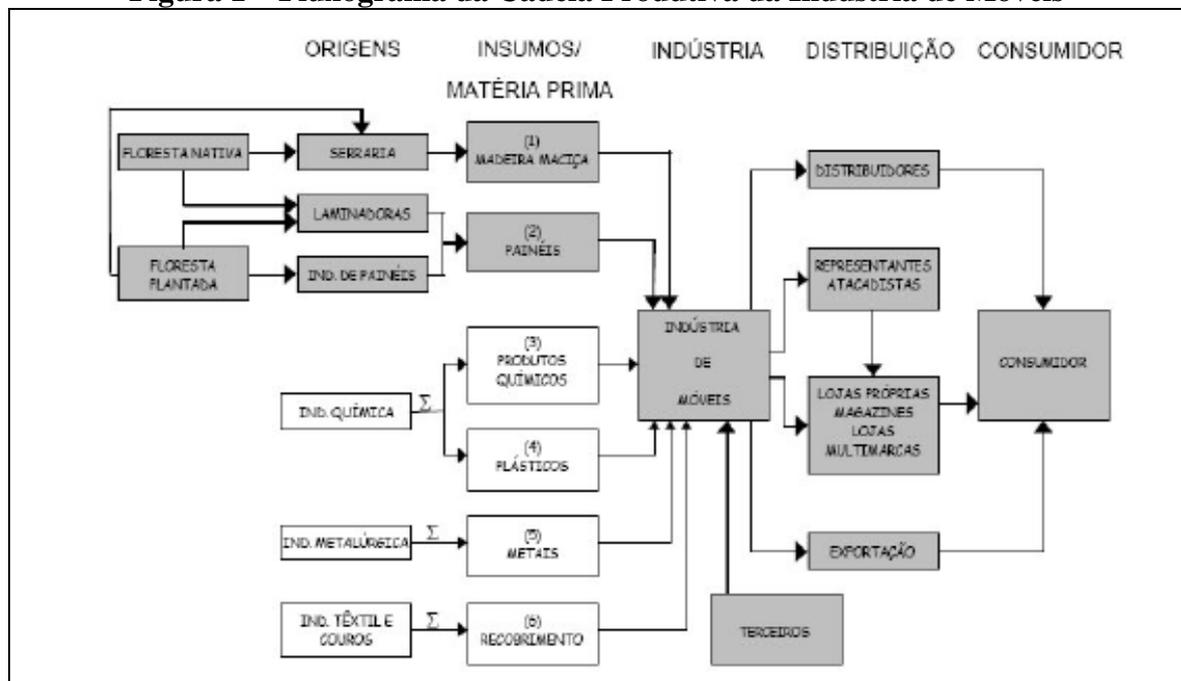
## I. Padrão de Concorrência e Estrutura de Mercado da Indústria de Móveis

### 1.1. Os Diferentes Segmentos da Indústria Moveleira

A indústria moveleira pode ser segmentada através de diferentes critérios: (1) tipo de material predominante no processo produtivo; (2) uso ao qual se destina; (3) forma organizacional utilizada no processo produtivo; e (4) *design* utilizado.

Quanto ao tipo de matéria-prima utilizada, destacam-se: a) móveis de madeira, que podem ser subdivididos em madeira maciça (nativa ou reflorestada) e painéis de madeira reconstituída; b) móveis de metal; c) móveis de plástico; e d) móveis estofados. Estes diferentes tipos de materiais que são utilizados na cadeia produtiva da indústria moveleira podem ser visto na Figura 1.

**Figura 1 – Fluxograma da Cadeia Produtiva da Indústria de Móveis**



Fonte: BRASIL/IPT, 2002.

Com relação ao uso (mercado) ao qual se destina, a indústria moveleira pode ser segmentada em móveis residenciais, móveis para escritório e móveis institucionais. Referente ao processo produtivo, este pode ser seriado ou sob encomenda. Por fim, o *design* dos móveis pode ser predominantemente torneado ou retilíneo.

Os segmentos da indústria moveleira surgem da combinação dos diferentes critérios acima apresentados, por exemplo, o segmento de móveis retilíneos seriados engloba os móveis de linhas retas, que utilizam predominantemente os painéis de madeira reconstituída sendo produzidos em grande escala. Os modelos que se destacam são: os armários, as estantes e os móveis de cozinha.

Esta elevada complexidade da indústria moveleira dificulta a caracterização da estrutura de mercado em um único padrão competitivo. Cada segmento apresenta características bastante distintas em relação às economias de escala, ao preço e à

importância do *design*. Isto explica a coexistência de empresas muito heterogêneas numa mesma indústria moveleira.

## 1.2. O Dinamismo Concorrencial

A indústria moveleira pode ser considerada uma das mais antigas do mundo, pois deriva dos carpinteiros e artesãos produtores de móveis, que com a revolução industrial passaram a utilizar máquinas e ferramentas visando obter economias de esforço e tempo. Os avanços proporcionados pela industrialização permitiram a padronização e os ganhos de escala, de maneira que os móveis deixaram de ser produtos artesanais para se tornarem produtos industrializados.

Dada esta trajetória de desenvolvimento, a indústria de móveis é classificada, atualmente, como uma indústria tradicional, com tecnologia de produção consolidada e amplamente difundida. Por sua vez, o dinamismo tecnológico desta indústria é determinado pelo aprimoramento do *design*, pelas máquinas e equipamentos utilizados no processo produtivo e pela introdução de novos materiais.

- *Design*: O *design* é o único fator de inovação próprio da indústria moveleira. O *design* é um bem imaterial que se exterioriza na forma de um objeto, entretanto, não deve estar relacionado apenas à aparência e à estética dos produtos. O *design* está vinculado com todos os aspectos relacionados à concepção do produto que permitam à empresa se diferenciar e construir vantagens sobre os concorrentes: manufaturabilidade, ergonomia, qualidade, durabilidade, conforto, utilização de novos materiais, estratégias de distribuição e marketing<sup>1</sup>, entre outros. Desta maneira, as inovações em *design* propiciam a criação de uma “identidade própria” para os móveis de uma empresa, se constituído em um dos elementos-chave para as condições de concorrência nesta indústria. Cabe destacar, que o *design* original é um bem passível de ser apropriado sendo protegido pelas leis de propriedade industrial (TIGRE, 2006).

- Máquinas e equipamentos: Em relação ao padrão tecnológico das máquinas e equipamentos utilizados por esta indústria, a grande mudança ocorrida nas últimas décadas foi a substituição da base eletromecânica pela microeletrônica, o que permitiu maior aproveitamento dos materiais, maior flexibilidade na produção e melhor qualidade nos produtos. Apesar de esta indústria ser intensiva em mão-de-obra, as inovações tecnológicas estão permitindo uma redução em seu uso, principalmente em segmentos que possam ser transformados em processos contínuos, como é o caso da produção de móveis retilíneos seriados.

- Materiais: Em relação aos materiais, verificam-se grandes mudanças decorrentes das inovações ocorridas nas indústrias química e petroquímica: materiais compostos, plásticos mais resistentes, novas tintas, etc. Entretanto, a principal tendência observada na indústria moveleira mundial é a substituição das madeiras nativas, dado o aumento das restrições ecológicas. Estas madeiras nativas estão sendo substituídas, tanto pelas madeiras reflorestáveis, como o pínus e o eucalipto, como pelas chapas e painéis de madeira reconstituída. Dentre as inovações trazidas pela indústria de painéis, destaca-se o *MDF - Medium Density Fiberboard*<sup>2</sup>, que revolucionou a indústria moveleira desde que foi introduzido no mercado europeu nos anos 80. Este novo tipo de chapa apresenta resistência mecânica e estabilidade dimensional, que a transformam no substituto mais próximo da madeira maciça. Além do MDF, a indústria de painéis tem lançado uma variedade de novos

<sup>1</sup> Por exemplo, inovações em design que facilitem sua montagem e utilização.

<sup>2</sup> As chapas e painéis de MDF (ou Fibras de Média Densidade) são produzidos a partir de partículas de madeira prensada.

tipos de chapas de madeira reconstituída, para diferentes aplicações<sup>3</sup>. Cabe destacar que, na maioria dos móveis, é utilizada uma combinação de chapas e de madeiras maciças, visando melhoria da qualidade e redução dos custos. Por fim, observa-se a crescente utilização de outros materiais combinados com a madeira, como o vidro, os metais, as pedras, os couros e os plásticos.

Pode-se concluir que a dinâmica tecnológica do setor está relacionada tanto ao fluxo de inovações vindas da interação com fornecedores especializados de máquinas e matérias-primas, quanto às inovações em *design* desenvolvidas pelas próprias empresas do setor. Estes elementos permitem a introdução de inovações em produtos e processos produtivos e a conseqüente construção de vantagens competitivas.

No setor moveleiro, além das inovações de caráter tecnológico, também se destacam as inovações organizacionais. Muitas empresas deste setor têm adotado estratégias que modificam a sua estrutura organizacional, gerando maior flexibilidade produtiva, redução de custos e criação de novas capacitações técnicas e de marketing. Dentre as principais mudanças organizacionais destacam-se: o aprofundamento das relações de subcontratação, fazendo as empresas se concentrarem em suas atividades nucleares, e o desenvolvimento de ações coletivas de caráter cooperativo com fornecedores, clientes, concorrentes ou instituições de apoio. Quando estas inovações organizacionais são introduzidas por diversas empresas de uma mesma localidade, que concentra um número expressivo de empresas, as transformações são amplificadas, transformando esta concentração empresarial em um dinâmico APL - Arranjo Produtivo Local.

Por fim, um outro elemento, que não está relacionado com as inovações tecnológicas ou organizacionais, mas está sendo cada vez mais utilizado como fonte de vantagem competitiva, é o custo da mão-de-obra. Apesar da crescente automatização da produção, esta ainda é restrita a alguns segmentos específicos, de forma que a maioria das etapas produtivas ainda requer a utilização direta da mão-de-obra, fazendo com que esta seja um importante componente do custo da indústria. Desta maneira, alguns países emergentes, que possuem baixo custo de mão-de-obra, estão utilizando esta vantagem competitiva espúria para avançar na indústria moveleira mundial.

### **1.3. Estrutura de Mercado**

A maioria dos fatores determinantes da competitividade da indústria moveleira é externa ao setor: máquinas e equipamentos, fornecidos pela indústria de bens de capital, e matérias-primas, fornecidas pelas indústrias de painéis de madeira, petroquímica e siderúrgica. Entretanto, estes elementos não são passíveis de ser apropriados internamente pelas empresas do setor moveleiro. Esta dificuldade em se apropriar dos elementos determinantes das vantagens competitivas faz com que as economias de escala internas à empresa sejam muito restritas. Por isto, observa-se um predomínio das micro e pequenas empresas na estrutura produtiva do setor produtor de móveis.

Esta elevada pulverização da estrutura produtiva é corroborada pelo fato de que, na maioria dos segmentos da indústria moveleira, o uso da mão-de-obra ainda é intensivo, o que dificulta a mecanização e, conseqüentemente, os ganhos de escala. Mesmo em alguns setores em que houve o avanço da automatização, esta não implicou em maiores escalas

---

<sup>3</sup> Dentre as novas chapas, destacam-se o *MPF - Medium Density Particleboard* e o *FF - Finish Foil*, que são chapas de menores custos, o *HDF - High Density Fiberboard*, que é utilizado na fabricação de pisos, painéis de divisórias e portas, e o *Tamburato* para móveis mais sofisticados e de maior leveza.

produtivas, ao contrário, em muitos casos a introdução da eletrônica embarcada permitiu uma maior diversificação da produção com baixo custo, mesmo para pequenos lotes<sup>4</sup>.

Outra importante característica da indústria moveleira mundial é que, na maioria dos casos, ela se apresenta estruturada na forma de APLs - Arranjos Produtivos Locais. Como a maioria das empresas deste setor apresenta restrições à obtenção de economias de escala, elas buscam compensar isto através das vantagens da aglomeração geográfica. Num primeiro momento, as vantagens de aglomeração estão relacionadas à oferta e à qualificação da mão-de-obra, à disponibilidade de serviços especializados e ao acesso às redes de comercialização. Num segundo momento, caso exista uma maior cooperação entre as empresas, podem surgir oportunidades de geração de economias externas por meio da especialização parcial dos produtores, investimentos compartilhados e formação de consórcios, entre outros. Em muitos casos, estes arranjos produtivos da indústria moveleira passam a contar com o apoio de instituições locais como associações empresariais, governos municipais ou regionais, instituições de crédito, ensino e pesquisa.

## II. A Indústria Mundial de Móveis: Características Gerais e Desempenho Recente

### II.1. Evolução do Comércio Internacional

A indústria mundial de móveis foi e continua sendo constituída, predominantemente, por pequenas empresas, que, até os anos 50, visavam atender quase que exclusivamente ao mercado interno dos seus respectivos países. O comércio internacional de móveis tem início nos anos 50 quando a indústria moveleira dinamarquesa passou a se voltar para o mercado externo. Entretanto, o comércio internacional de móveis se consolidou a partir dos anos 70, sob a liderança da indústria italiana. Por mais de trinta anos, a Itália se manteve como a maior exportadora de móveis, fornecendo os principais parâmetros de *design*, produção e comercialização desta indústria. A liderança da indústria moveleira italiana permaneceu até 2005, quando foi ultrapassada pela China.

**Tabela 1 – Países: Maiores Importadores de Móveis (2000 e 2006)**

Posição	2000			2006		
	Países	Valor (US\$ bilhões)	(%)	Países	Valor (US\$ bilhões)	(%)
1º	Estados Unidos	19.939	35,1%	Estados Unidos	34.401	35,2%
2º	Alemanha	5.987	10,5%	Alemanha	9.979	10,2%
3º	Reino Unido	3.458	6,1%	Reino Unido	7.516	7,7%
4º	França	3.456	6,1%	França	6.598	6,8%
5º	Japão	3.160	5,6%	Canadá	5.091	5,2%
6º	Canadá	3.089	5,4%	Japão	4.250	4,4%
7º	Bélgica	1.846	3,2%	Bélgica	3.001	3,1%
8º	Países Baixos	1.752	3,1%	Espanha	2.687	2,8%
9º	Suíça	1.524	2,7%	Países Baixos	2.572	2,6%
10º	Áustria	1.414	2,5%	Suíça	2.317	2,4%
Subtotal	10 Maiores	45.624	80,3%	10 Maiores	78.411	80,3%
Total		56.820	100,0%		97.697	100,0%

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados COMTRADE.

Na tabela 1, observa-se uma grande expansão do comércio internacional do setor moveleiro, ao longo da presente década. Entretanto, não ocorreram mudanças significativas

<sup>4</sup> Um exemplo disto é a estrutura produtiva italiana, que é altamente fragmentada, constituída por pequenas plantas fabris, contendo em sua maior parte até 10 funcionários, mas com elevado grau de automatização (CGEE: 2008, p.29).

entre os principais países importadores de móveis, que praticamente não alteraram suas participações no total das importações mundiais. O mercado consumidor de móveis continua concentrado nos países desenvolvidos, mais de que isto, a lista dos dez maiores importadores de móveis praticamente não se alterou nesta década, a única mudança foi a saída da Áustria e a entrada da Espanha. Os dez maiores importadores do mundo (EUA, Canadá, Japão e países da Europa Ocidental) continuam absorvendo, aproximadamente, 80% dos móveis comercializados no mercado internacional. O principal país importador de móveis são os EUA, que respondem por um terço da demanda internacional. Com relação aos países menos desenvolvidos, verifica-se que sua participação na importação de móveis ainda é muito pequena, representando algo em torno de 10% a 15% do mercado mundial. Nestes países, a demanda de móveis é atendida basicamente pela produção local.

No início da presente década, os principais exportadores estavam concentrados nos países desenvolvidos. A Itália exerceu a liderança deste mercado por mais de trinta anos, sendo seguida por outros países desenvolvidos, com destaque para Alemanha, EUA e Canadá. Entretanto, ao longo da presente década, observam-se importantes mudanças na estrutura produtiva e exportadora da indústria moveleira mundial, particularmente no que se refere aos principais países exportadores.

A China, que se encontrava na quinta posição em 2000, passou a ser a líder deste mercado, respondendo por quase 18% das exportações mundiais de móveis, em 2006. Outro país que ampliou sua participação de maneira significativa foi a Polônia, que saiu de 3,7% das exportações mundiais para 6,0%, passando a ocupar a quarta posição entre os maiores exportadores de móveis. Por outro lado, os EUA e o Canadá não acompanharam a ampliação do comércio internacional do setor moveleiro, caindo de segundo e terceiro maiores exportadores de móveis, em 2000, para quinto e sexto, em 2006, respectivamente. Na tabela 2 também pode se observar que os dez maiores exportadores mundiais controlavam, em 2006, quase 70% da oferta internacional de móveis.

**Tabela 2 – Países: 10 Maiores Exportadores de Móveis (2000 e 2006)**

Posição	Países	2000		2006		
		Valor (US\$ bilhões)	(%)	Países	Valor (US\$ bilhões)	(%)
1º	Itália	8.388	14,8%	China	17.241	17,6%
2º	Estados Unidos	5.297	9,3%	Itália	11.307	11,6%
3º	Canadá	5.123	9,0%	Alemanha	9.302	9,5%
4º	Alemanha	4.671	8,2%	Polônia	5.834	6,0%
5º	China	3.573	6,3%	Estados Unidos	5.780	5,9%
6º	México	3.182	5,6%	Canadá	5.725	5,9%
7º	França	2.318	4,1%	México	4.496	4,6%
8º	Polônia	2.118	3,7%	França	3.120	3,2%
9º	Dinamarca	1.749	3,1%	Dinamarca	2.475	2,5%
10º	Malásia	1.565	2,8%	Malásia	2.213	2,3%
Subtotal	10 Maiores	37.984	66,8%	10 Maiores	67.493	69,1%
Total		56.820	100,0%		97.697	100,0%

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados COMTRADE.

Isto posto, pode-se concluir que o comércio internacional de móveis apresenta uma estrutura altamente concentrada, tanto no que se refere ao consumo, quanto às vendas. Observa-se que até o início do século XXI, tanto a estrutura produtiva e exportadora quanto a de consumo estavam concentradas nos países desenvolvidos, com uma participação muito restrita dos países emergentes. A grande mudança verificada foi a ampliação da participação de alguns deles, principalmente a China, que neste período assumiu a liderança do mercado

internacional. Em 2006, a indústria chinesa consolidou esta liderança com um volume de exportação 50% maior que o da segunda colocada, a tradicional indústria moveleira italiana.

**Tabela 3 – Países: 60 Maiores Produtores de Móveis – Produção, Exportação e Importação (2006) (US\$ bilhões)**

Regiões/Países	Produção	Exportações	(Exportação / Produção)	Importações	(Importação / Produção)	(Exportação - Importação)
União Européia (15)	88,6	31,7	35,8%	36,1	40,7%	(4,40)
EUA	54,6	2,9	5,3%	23,8	43,6%	(20,90)
China	38,0	13,5	35,5%	0,5	1,3%	13,00
União Européia (10)	14,0	10,7	76,4%	3,2	22,9%	7,50
Japão	12,4	0,5	4,0%	3,7	29,8%	(3,20)
Canadá	11,7	4,4	37,6%	3,5	29,9%	0,90
Brasil	8,7	1,0	11,5%	0,2	2,3%	0,80
México	3,1	1,5	48,4%	0,7	22,6%	0,80
Outros	39,4	14,2	36,0%	16,8	42,6%	(2,60)
Total	270,5	80,4	29,7%	88,5	32,7%	

Nota: Existem diferenças entre os dados de comércio externo da base COMTRADE e da base da CSIL Milano – Market & Industry Research Institute devido aos produtos incluídos em cada uma delas.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em CSIL Milano – Market & Industry Research Institute, 2005; apud CGI Moveleiro, 2008.

A tabela 3 apresenta uma relação entre a produção da indústria moveleira e o comércio internacional de móveis. As informações dos 60 países que mais produzem móveis no mundo estão agrupadas por países ou regiões. Com isto é possível inferir algumas considerações. Primeiro, o comércio internacional de móveis vem crescendo ao longo das últimas décadas, tendo chegado a  $\frac{1}{3}$  do total produzido no ano de 2006. Segundo, os países desenvolvidos, em bloco, apresentaram saldo comercial negativo na indústria moveleira, enquanto os países emergentes, particularmente a China e os países do Leste Europeu, exibiram elevados superávits comerciais no setor moveleiro.

Entretanto, este avanço no mercado internacional por parte da indústria de móveis dos países emergentes está assentado nos baixos custos de produção, particularmente no que se refere aos reduzidos custos da mão-de-obra. Por outro lado, os compradores destes móveis são, na maioria dos casos, grandes redes de lojas dos países desenvolvidos. Desta forma, é estabelecida uma “*complexa articulação entre pequenos produtores locais e as grandes redes de distribuição internacional – como IKEA e Habitat*” (CGEE, 2008: p.31). Estes grandes compradores detêm não apenas os canais de distribuição e de venda, como também controlam o *design* dos móveis, que são fornecidos às empresas subcontratadas. Desta forma, há uma relação assimétrica na apropriação da renda ao longo da cadeia produtiva mundial do setor moveleiro em detrimento da indústria produtora dos países emergentes.

## II.2. Características Gerais dos Principais Países Produtores

### *Itália*

Desde meados dos anos 70 até 2004, a Itália liderou a indústria mundial de móveis, respondendo neste período por quase 20% de suas exportações. Atualmente, a Itália ocupa a segunda posição, com pouco mais de 10% das exportações mundiais. Apesar de ter perdido a liderança para a China, a indústria moveleira italiana continua sendo considerada a mais competitiva do mundo, no que se refere à criação de *design* próprio e inovador, que conseguiu determinar o padrão de consumo do mercado moveleiro mundial. Outro ponto que explica a competitividade da Itália é que este país possui a mais avançada indústria de máquinas e equipamentos para produção de móveis. A elevada competitividade da indústria moveleira italiana também pode ser atribuída à sua estrutura industrial, que conta com

aproximadamente 39 mil empresas altamente especializadas. Grande parte destas empresas, em torno de 30 mil, possui menos de 10 funcionários, e estão voltadas para fornecimento de peças e componentes para empresas maiores, trabalhando em regime de subcontratação. Por sua vez, as maiores empresas dedicam-se basicamente ao *design*, ao marketing e à venda dos móveis. Na indústria moveleira italiana predomina a utilização de madeira reconstituída. A madeira maciça é utilizada apenas em algumas etapas ou produtos específicos, como cadeiras e sofás.

#### *Alemanha*

A Alemanha se destacou, em 2006, como o terceiro maior exportador de móveis do mundo, e também como o segundo maior importador de móveis, de modo que o volume exportado é muito próximo do importado. A vantagem competitiva da indústria alemã concentra-se na produção de móveis de madeira maciça, na sua totalidade oriunda de madeira reflorestada e certificada, com predominância do pinus e eucalipto. Esta estratégia vem sendo adotada, desde os anos 80, para fazer frente às crescentes restrições ambientais, particularmente no que se refere à importação de madeira. Outra vantagem da indústria moveleira alemã decorre da sua tradicional indústria de máquinas e equipamentos, que permite um contínuo processo de inovação do parque produtivo. A indústria moveleira alemã, ao contrário da italiana, possui uma estrutura mais concentrada e verticalizada, possuindo pouco mais de 1.200 empresas, em geral grandes plantas industriais cujas vantagens competitivas estão centradas nas elevadas escalas produtivas. Entretanto, nos últimos anos, muitas empresas fabricantes de móveis da Alemanha têm adotado a estratégia da terceirização de algumas etapas da produção, como forma de redução dos custos. Esta terceirização se dá através da importação de partes e componentes ou mesmo com a instalação de subsidiárias em outros países, particularmente do Leste Europeu.

#### *França*

A França possui a terceira maior indústria de móveis da Europa. Entretanto, nos últimos anos, tem se destacado mais como importadora de móveis, onde ocupa a quarta posição. Como exportadora, a indústria francesa passou da sexta para oitava posição entre as maiores exportadoras do mundo. Desta maneira, a França apresenta uma grande dependência da produção externa, dado que suas exportações representaram, em 2006, menos da metade do valor importado. Apesar disto, a indústria moveleira francesa ainda possui uma significativa vantagem competitiva nos segmentos de estofados e de plástico. A estrutura produtiva da indústria moveleira francesa encontra-se numa situação intermediária, não sendo tão concentrada como a indústria alemã, nem tão pulverizada como a indústria italiana.

#### *Polônia*

A Polônia passou a ganhar uma posição de destaque na produção de móveis em meados dos anos 90, com o fim do regime comunista e, conseqüentemente, com uma maior aproximação dos países da Europa Ocidental. Entretanto, o grande avanço se deu na década atual, quando o valor exportado pela indústria moveleira polonesa aumentou 175%, em apenas seis anos. A Polônia passou da oitava posição de maior exportadora de móveis, em 2000, para a quarta posição, em 2006, ultrapassando tradicionais fabricantes, como o Canadá, os EUA e a França. Este vigoroso crescimento das exportações está vinculado ao comércio intra-europeu. Os menores custos de produção, particularmente da mão-de-obra, em conjunto com a integração econômica, ampliaram a demanda pelos móveis poloneses

por parte dos demais países europeus<sup>5</sup>, particularmente pela Alemanha. Inicialmente, as exportações estavam praticamente restritas a partes e peças de menor valor para serem utilizadas pelas empresas moveleiras de outros países. Nos últimos anos, com o maior desenvolvimento da indústria moveleira polonesa, observa-se um avanço nas exportações de produtos finais. Entretanto, a quase totalidade dos móveis produzidos na Polônia utiliza *design* importado ou então são produzidos por subsidiárias de empresas de outros países europeus, que transferiram suas unidades produtivas para a Polônia, como forma de redução de custos<sup>6</sup>.

### *EUA*

Os EUA são os maiores produtores mundiais de móveis, respondendo por 20% do valor gerado pela indústria moveleira mundial, em 2006. Os EUA apresentam uma indústria moveleira diversificada e voltada para o mercado interno. A principal vantagem competitiva da indústria moveleira norte-americana decorre do próprio mercado interno que é o maior do mundo. Apesar disto, esta produção não foi suficiente para suprir o mercado consumidor doméstico, de forma que os EUA também são os maiores importadores de móveis do mundo. Os EUA responderam pela demanda de aproximadamente  $\frac{1}{3}$  dos móveis comercializados no mercado internacional, ao longo da presente década. Por sua vez, neste mesmo período, as exportações moveleiras norte-americanas permaneceram estagnadas, de forma que os EUA caíram da segunda para a quinta posição entre os maiores exportadores de móveis do mundo. A indústria moveleira norte-americana apresenta um elevado grau de abertura no que se refere às importações, dado que estas equivalem a 40% da produção doméstica. Por outro lado, apenas 5,3% da produção local são destinados às exportações. Nos últimos anos, tradicionais produtoras de móveis dos EUA estão transferindo, toda ou parte de sua produção, para países emergentes, de forma a fazer frente aos baixos custos dos produtos importados<sup>7</sup>. Apesar destas dificuldades, a indústria moveleira norte-americana ainda apresenta elevada competitividade em alguns nichos de mercado, como na produção de móveis de metal e móveis de alto luxo<sup>8</sup>, segmentos em que os EUA ainda continuam sendo os grandes produtores mundiais.

### *Canadá*

Desde a década de 90, a indústria moveleira canadense passou a se voltar, prioritariamente, para o projeto-*design* e a montagem dos móveis, etapas que apresentam maior valor adicionado. Por outro lado, as empresas canadenses passaram a importar grande quantidade de partes e peças dos países asiáticos. O mercado moveleiro canadense apresenta um grande vínculo com os EUA. O Canadá é o maior importador de móveis dos EUA, respondendo por mais de  $\frac{1}{3}$  do destino das exportações norte-americanas. Por outro lado, os EUA são o maior consumidor dos móveis canadenses vendidos no exterior. Este posicionamento em produtos mais sofisticados tem contribuído para que a indústria moveleira canadense se mantenha como uma das maiores exportadoras do mundo, mesmo com o avanço dos produtores asiáticos. Além disso, este segmento tem contribuído positivamente para a balança comercial canadense.

---

<sup>5</sup> Segundo dados COMTRADE, a Polônia era a terceira maior exportadora de móveis dos países europeus em 2005, estando atrás apenas da Itália e da China (Fonte: MOVERGS, Cenário Moveleiro nº 6, 2007).

<sup>6</sup> Fonte: <http://www.cgimoveis.com.br/mercado/polonia-exportacoes-records-de-moveis>.

<sup>7</sup> Alguns produtores norte-americanos vêm se especializando na montagem de móveis, cujos componentes são importados do México. Outros estão transferindo fábricas para a China, como é o caso da Ashley, maior marca de móveis residenciais dos Estados Unidos (Fonte: DA ROSA et al., 2007: p. 87).

<sup>8</sup> Fonte: [http://www.webluxo.com.br/menu/decoracao/moveis\\_americanos\\_simbolo\\_status.htm](http://www.webluxo.com.br/menu/decoracao/moveis_americanos_simbolo_status.htm).

## China

A indústria moveleira chinesa, inicialmente, concentrou suas exportações nos segmentos de menor conteúdo tecnológico e maior intensidade em mão-de-obra, como os móveis de vimes. Entretanto, desde os anos 90, a China tem avançado sobre outros segmentos desta indústria, constituindo uma indústria moveleira ampla e diversificada. No início da presente década, a China já ocupava a quinta posição entre os maiores exportadores de móveis e, cinco anos depois, havia atingido a liderança mundial. As exportações de móveis da China saltaram de US\$ 3,5 bilhões, em 2000, para US\$ 17,2 bilhões, em 2006, uma taxa de crescimento de aproximadamente 30% ao ano. Atualmente, a China é a maior exportadora de móveis do mundo, respondendo por quase 18% das vendas mundiais. Por sua vez, estas exportações representam mais de 1/3 da produção doméstica, o que indica que a China também possui um mercado interno de grandes dimensões e elevado dinamismo. Apesar de o mercado doméstico possuir elevado potencial, as importações de móveis por parte da China são insignificantes, representado pouco mais de 1% da produção doméstica. A indústria moveleira chinesa é altamente pulverizada, composta, de forma predominante, por empresas particulares de pequeno e médio porte<sup>9</sup>. A maior parte destas empresas apresenta baixa produtividade, baixa qualidade e pouca especialização. Isto faz com que a quase totalidade dos móveis da China sejam cópias de modelos europeus ou norte-americanos, com qualidade e custo muito inferiores e que utilizam o preço como a principal vantagem competitiva. “*Não por acaso, a crescente competitividade da indústria chinesa de móveis se reflete, em particular, em linhas e estágios da produção que são intensivos na utilização de mão-de-obra*” (CGEE, 2008: p.30).

## III. A Indústria Brasileira de Móveis: Características Gerais e Desempenho Recente

### 3.1. Estrutura de Mercado e Concentração

A estrutura produtiva da indústria brasileira de móveis é caracterizada pela predominância das empresas de pequeno porte, assim como ocorre nas principais indústrias moveleiras do mundo (Tabela 4).

**Tabela 4 – Indústria Brasileira de Móveis: Número de estabelecimentos por faixa de tamanho (2000 e 2005)**

Número de empregados	2000			2005			Δ 2000-2005
	Nº de Empresas	Participação no total (%)	Acumulado (%)	Nº de Empresas	Participação no total (%)	Acumulado (%)	
Nenhum Vínculo	1538	9,9	9,9	1379	8,5	8,5	-10,3
Até 4	7092	45,6	55,5	7552	46,3	54,8	6,5
De 5 a 9	2929	18,8	74,4	3177	19,5	74,3	8,5
De 10 a 19	2006	12,9	87,3	2121	13,0	87,3	5,7
De 20 a 49	1307	8,4	95,7	1325	8,1	95,4	1,4
De 50 a 99	395	2,5	98,2	432	2,7	98,1	9,4
De 100 a 249	208	1,3	99,6	215	1,3	99,4	3,4
De 250 a 499	50	0,3	99,9	74	0,5	99,9	48,0
De 500 a 999	15	0,1	100,0	21	0,1	100,0	40,0
1000 ou mais	0	0,0	100,0	2	0,0	100,0	-
<b>Total</b>	<b>15.540</b>	<b>100</b>		<b>16.298</b>	<b>100</b>		<b>4,9</b>

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da RAIS/MTE.

<sup>9</sup> Algumas destas empresas são de propriedade de estrangeiros que transferiram a produção para China como forma de redução dos custos, destacando-se as empresas vindas de Taiwan.

Segundo dados do Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE), existiam no Brasil mais de 18 mil empresas fabricantes de móveis em 2005, 74,3% eram micro empresas e 23,8% empresas de pequeno porte, perfazendo um total de 98,1% de empresas com menos de 100 funcionários. Por sua vez, apenas 2% das empresas do setor moveleiro podiam ser classificadas como médias ou grandes empresas. Observa-se que, ao longo da presente década, a distribuição das empresas de acordo com o porte praticamente se manteve inalterada. A mudança mais significativa deste período foi o surgimento de duas empresas com mais de 1.000 funcionários em 2005, o que não havia na estrutura de 2000.

A baixa concentração da indústria brasileira de móveis também pode ser vista em termos de emprego, onde as quatro maiores empresas do setor respondem por apenas 3,1% do pessoal ocupado (Tabela 5). Quando se amplia a amostra para 8 e 12 empresas, o grau de concentração da mão-de-obra continua baixo (4,8% e 6,2%, respectivamente) indicando a existência de poucas grandes empresas na indústria moveleira nacional. Em outras palavras, o setor moveleiro é um dos que apresentam menor grau de concentração da indústria brasileira, tanto no que se refere ao emprego quanto ao número de empresas.

**Tabela 5 – Indústria Brasileira de Móveis: Grau de concentração econômica, 2005**

Setor	CR4	CR8	CR12
36.1 Fabricação de artigos do mobiliário	3,1	4,8	6,2

Nota: CR4: concentração a partir do Pessoal Ocupado (PO) das 4 maiores empresas; CR8: concentração do PO nas 8 maiores empresas; CR12: concentração do PO nas 12 maiores empresas.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados do Cadastro Central de Empresas (CCE)/IBGE.

Desta forma, os dados revelam a elevada pulverização da estrutura produtiva da indústria brasileira de móveis, marcada pela predominância das micro e pequenas empresas. Na quase totalidade dos casos, são empresas familiares, com limitados recursos gerenciais e financeiros, que apresentam grande dificuldade em construir e se apropriar das vantagens competitivas. Por isso, a necessidade de se estruturarem em pólos moveleiros.

### 3.2. Emprego e Renda

Segundo os dados da Pesquisa Industrial Anual (PIA)<sup>10</sup> do IBGE, o setor moveleiro brasileiro contava, em 2005, com quase 9.000 empresas, 32% a mais do que em 1996, um crescimento de 3,2% ao ano, em média. O total da indústria brasileira apresentou um crescimento no número de empresas um pouco maior (36%), o que fez com que a participação do setor moveleiro no total da indústria praticamente não se alterasse no período, mantendo-se em torno de 6% (Tabela 6).

O número de funcionários no setor moveleiro, quase 209 mil funcionários em 2005, também aumentou no período (17% entre 1996 e 2005). Entretanto, este crescimento foi menor que o do total da indústria (25%). Desta maneira, a participação do setor moveleiro no número total de pessoal ocupado da indústria brasileira apresentou uma pequena queda, de 3,4%, em 1996, para 3,2%, em 2005. Uma outra importante característica que pode ser verificada é que a estrutura do setor moveleiro é composta por empresas de menor porte do que a média da indústria. Enquanto no setor moveleiro as empresas possuem, em média,

<sup>10</sup> A PIA/IBGE considera todos os estabelecimentos com mais de quatro funcionários e os classifica segundo a origem principal do faturamento. Vale lembrar que alguns dados fornecidos pela PIA/IBGE contrastam com aqueles fornecidos pelo RAIS/MTE, já que esta última fonte considera todas as empresas que se auto-declararam em determinado setor. Portanto, existem certamente divergências metodológicas entre as duas bases de dados que devem ser destacadas quando utilizadas em conjunto.

23,3 empregados, no total da indústria há 43,7 empregados por empresa (2005). As participações também indicam que as empresas deste setor ficaram ainda menores ao longo deste período.

**Tabela 6 – Setor Moveleiro e Indústria Brasileira: empresas, pessoal ocupado e porte médio (1996-2005)**

Ano	Empresas			Pessoal Ocupado (PO)			Porte Médio (PO/Empresas)	
	Setor moveleiro	Total da indústria	%	Setor moveleiro	Total da indústria	%	Setor moveleiro	Total da indústria
1996	6.757	108.118	6,2	177.456	5.143.775	3,4	26,3	47,58
1997	6.859	106.749	6,4	184.844	5.003.489	3,7	26,9	46,87
1998	7.505	113.098	6,6	193.642	4.885.618	4,0	25,8	43,20
1999	7.617	117.811	6,5	185.249	5.003.755	3,7	24,3	42,47
2000	8.051	124.780	6,5	200.069	5.315.408	3,8	24,9	42,60
2001	8.161	130.913	6,2	198.971	5.453.460	3,6	24,4	41,66
2002	8.335	135.129	6,2	208.555	5.557.798	3,8	25,0	41,13
2003	8.542	138.962	6,1	200.903	5.931.187	3,4	23,5	42,68
2004	8.183	144.120	5,7	203.386	6.386.190	3,2	24,9	44,31
2005	8.959	147.358	6,1	208.630	6.443.364	3,2	23,3	43,73
$\Delta$ total (%)	32,6	36,3	-2,7	17,6	25,3	-6,1	-11,3	-8,1
$\Delta$ anual (%)	3,2	3,5	-0,3	1,8	2,5	-0,7	-1,3	-0,9

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIA/ IBGE.

Com relação aos valores salariais pagos pelo setor moveleiro neste período, nota-se que a massa salarial aumentou mais do que proporcionalmente ao número de pessoas ocupadas no setor, o que resultou em um acréscimo no salário médio de 0,6% no período analisado (Tabela 7). O inverso ocorreu com o total da indústria, ou seja, a massa salarial elevou-se menos que o número de pessoas ocupadas e, portanto, o salário médio apresentou uma queda no período (-6,1%). Apesar do salário médio real do setor moveleiro ter aumentado, ainda continua muito abaixo da remuneração média da indústria brasileira. Em 2005, o salário médio do setor foi de R\$ 9 mil por ano comparado a R\$ 16,4 mil na indústria em geral.

**Tabela 7 - Setor Moveleiro e Indústria Brasileira: total de salários e salário médio (1996-2005)**

Ano	Total de Salários			Salário Médio	
	Setor moveleiro	Total da indústria	%	Setor moveleiro	Total da indústria
1996	1.594	89.994	1,8	9,0	17,5
1997	1.716	90.245	1,9	9,3	18,0
1998	1.846	88.756	2,1	9,5	18,2
1999	1.637	82.257	2,0	8,8	16,4
2000	1.796	86.255	2,1	9,0	16,2
2001	1.830	89.392	2,0	9,2	16,4
2002	1.787	86.298	2,1	8,6	15,5
2003	1.772	94.625	1,9	8,8	16,0
2004	1.801	100.996	1,8	8,9	15,8
2005	1.885	105.805	1,8	9,0	16,4
$\Delta$ total (%)	18,3	17,6	0,6	0,6	-6,1
$\Delta$ anual (%)	1,9	1,8	0,1	0,1	-0,7

Nota: Deflator IPCA.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIA/IBGE.

Em outras palavras, a indústria moveleira continua sendo intensiva em mão-de-obra, empregando um grande volume de trabalhadores, mas com empresas de porte relativamente menor e com reduzido nível de remuneração do trabalho.

Em 2006 e 2007, o emprego no setor moveleiro continuou se expandindo de forma vigorosa (Tabela 8). Os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED/MTE) mostram que nesses dois anos foram criadas quase 16.000 novas vagas no setor (emprego formal). Em 2006, entre admitidos e desligados, o saldo líquido foi de 5.777 e, em 2007, foi de 9.984 novos postos formais de trabalho.

**Tabela 8 - Indústria Brasileira de Móveis: evolução da criação de emprego formal (2006-2007)**

Período	Emprego		Criação de Vagas	Admitidos		Desligados	
	Admitidos	Desligados		Massa salarial(R\$*)	Média (Massa/Vagas)*	Massa salarial(R\$*)	Média (Massa/Vagas)*
2006	89.717	83.940	5.777	50.537.460	563,97	54.006.756	643,35
2007	101.806	91.822	9.984	59.529.289	564,67	59.321.170	644,98

\*A valores de dez/2007 (IPCA)

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados do CAGED.

Uma informação importante com relação a essas novas vagas diz respeito ao nível salarial. Pode-se observar pela tabela 8 que o salário médio dos admitidos, nos dois anos, foi menor que o dos demitidos. Esse dado revela que o setor ainda não tem atraído profissionais que exigem altos salários, seja pela abertura de postos para os quais não é requerida elevada qualificação, seja pelo alto desemprego que ainda marca alguns dos principais municípios produtores de móveis.

### 3.3. Produção e Valor Adicionado

Os dados relativos ao Valor da Transformação Industrial (VTI) (aproximação do valor adicionado) e ao da produtividade (valor da transformação industrial dividido pelo pessoal ocupado) mostram um cenário negativo para o setor moveleiro, sobretudo se comparado ao total da indústria (Tabela 9). Embora o VTI do setor moveleiro tenha se elevado até 2002 (exceto no ano de 1999), houve um decréscimo total de 4,9% em termos reais entre 1996 e 2005. No mesmo período, o valor da transformação industrial do total da indústria de transformação cresceu 35,9%. Isso significa que o baixo desempenho do setor moveleiro não pode ser atribuído a uma situação generalizada na indústria. O mesmo pode ser dito com relação aos valores da produtividade industrial. Enquanto a produtividade do setor moveleiro decaiu 19,1% entre 1996 e 2005, no total da indústria observou-se um crescimento de 8,5% no mesmo período.

**Tabela 9 – Setor Moveleiro e Indústria Brasileira:  
valor da transformação industrial e produtividade (1996-2005)**

Ano	Valor da Transformação Industrial			Produtividade Industrial	
	Setor moveleiro	Total da indústria	%	Setor moveleiro	Total da indústria
1996	5.142	376.339	1,4	28,97	73,2
1997	5.111	374.777	1,4	27,65	74,9
1998	5.222	364.649	1,4	26,97	74,6
1999	4.770	393.499	1,2	25,75	78,6
2000	5.379	427.820	1,3	26,89	80,5
2001	5.576	451.879	1,2	28,03	82,9
2002	5.664	476.657	1,2	27,16	85,8
2003	4.961	473.629	1,0	24,69	79,9
2004	4.906	504.566	1,0	24,12	79,0
2005	4.891	511.316	1,0	23,44	79,4
<b>Δ total (%)</b>	<b>-4,9</b>	<b>35,9</b>	<b>-30,0</b>	<b>-19,1</b>	<b>8,5</b>
<b>Δ anual (%)</b>	<b>-0,6</b>	<b>3,5</b>	<b>-3,9</b>	<b>-2,3</b>	<b>0,9</b>

Nota: Deflator indústria de transformação - Contas Nacionais.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIA/IBGE.

O valor bruto da produção de móveis no Brasil aumentou entre 1996 e 2005 (8,8%). No entanto, o valor do total da indústria teve um crescimento maior (49,3%) e, por esse motivo, a participação do setor moveleiro no valor bruto da produção total da indústria de transformação passou de 1,5%, em 1996, para 1,1%, em 2005 (Tabela 10). Os custos das operações industriais do setor moveleiro cresceram 19,1% no período, menos do que o crescimento dos custos do total da indústria. Como o período analisado engloba os dois momentos de grande desvalorização cambial (1998 e 2002), a explicação parece residir no menor impacto que o câmbio tem sobre os custos do setor moveleiro do que para a média da indústria. Isto porque a produção das matérias-primas utilizadas pelo setor moveleiro é majoritariamente nacional e voltada para o mercado interno, de forma que não permite aos fornecedores repassarem toda elevação do dólar para os preços internos. Além disso, o conteúdo importado das matérias-primas do setor moveleiro deve ser considerado insignificante se comparado a outros setores, como eletroeletrônico, farmacêutico e químico.

**Tabela 10 – Setor Moveleiro e Indústria Brasileira:  
valor bruto da produção e custos das operações industriais (1996-2005)**

Ano	Valor Bruto da Produção			Custos das Operações Industriais		
	Setor moveleiro	Total da indústria	(%)	Setor moveleiro	Total da indústria	(%)
1996	11.998	798.941	1,50	6.857	422.602	1,62
1997	12.408	814.248	1,52	7.297	439.471	1,66
1998	12.764	799.269	1,60	7.542	434.620	1,74
1999	11.932	853.704	1,40	7.162	460.205	1,56
2000	14.280	945.243	1,51	8.901	517.183	1,72
2001	14.304	1.016.761	1,41	8.728	564.882	1,55
2002	13.871	1.073.333	1,29	8.207	596.676	1,38
2003	13.001	1.102.093	1,18	8.040	623.413	1,29
2004	12.958	1.189.772	1,09	8.052	683.961	1,18
2005	13.056	1.192.718	1,09	8.165	681.402	1,20
<b>Δ total (%)</b>	<b>8,8</b>	<b>49,3</b>		<b>19,1</b>	<b>61,2</b>	
<b>Δ anual (%)</b>	<b>0,9</b>	<b>4,6</b>		<b>2,0</b>	<b>5,5</b>	

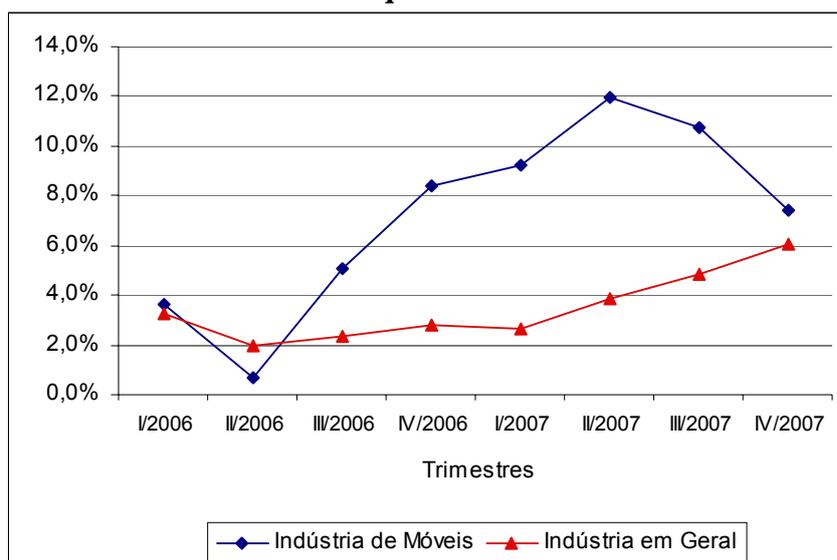
Nota: Deflator indústria de transformação - Contas Nacionais.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIA/IBGE.

Portanto, a elevação dos custos industriais não explica o baixo desempenho da indústria moveleira vis-à-vis ao total da indústria brasileira. Desta forma, o reduzido crescimento deste setor industrial parece estar relacionado com as variações da demanda, tanto interna quanto externa. Os anos de 1999, 2003 e 2004, que indicam uma queda na produção moveleira, foram marcados por uma desaceleração da demanda doméstica juntamente com a valorização do real ante o dólar, que afetou negativamente a demanda externa, as exportações.

Por sua vez, o biênio 2006-2007, foi bastante positivo para a indústria moveleira. Segundo dados da Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF), a produção de móveis apresentou uma evolução positiva ao longo deste período, com taxas de crescimento superiores ao da produção física do total da indústria de transformação (Gráfico 1). Isto se deve à retomada do crescimento da demanda doméstica, em boa parte determinada pela vigorosa expansão da construção civil. A demanda de móveis está diretamente relacionada ao desempenho da construção civil, particularmente de imóveis residenciais, como é a situação atual.

**Gráfico 1 - Setor Moveleiro e Indústria Brasileira: Variação da produção física (taxa acumulada nos últimos quatro trimestres – I/2006 a IV/2007)**



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da SECEX.

Pode-se concluir que o setor moveleiro foi mais eficaz que a média da indústria para redução dos custos operacionais, mas teve um desempenho pior na busca da elevação da produtividade do trabalho e na agregação de valor ao produto. Pode-se aventar a hipótese de que os arranjos produtivos locais do setor moveleiro – que muito se desenvolveram nesses últimos anos – lograram bons resultados em ações coletivas voltadas para a redução de custos, como a criação de centrais de matéria-prima, negociação conjunta com fornecedores, atuação coletiva em feiras nacionais e internacionais. Entretanto, na maior parte dos pólos, as empresas ainda não foram capazes de, em conjunto, enriquecer a localidade com novas capacitações técnicas, gerenciais e produtivas que permitissem inovações em *design* e marketing – e que agregassem maior valor ao móvel brasileiro – além de ganhos de escala e de flexibilização produtiva. Estes avanços na construção de vantagens competitivas estiveram restritos apenas a algumas empresas de grande porte, com destaque para as empresas líderes do pólo de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul.

### 3.4. Comércio Exterior

O setor moveleiro apresenta um baixo coeficiente de abertura ao comércio exterior. Na tabela 3 apresentada anteriormente, se observa que, dentre os grandes produtores mundiais de móveis, o Brasil é um dos países mais fechados, tanto no que se refere às exportações, mas principalmente em relação às importações de artigos mobiliários. Em relação ao volume exportado vis-à-vis a produção doméstica, o Brasil fica atrás apenas dos EUA e do Japão, tendo exportado apenas 11,5% da produção moveleira de 2006. Com relação às importações, estas representaram pouco mais de 2% da produção doméstica, em 2006. Dentre os grandes fabricantes de móveis, apenas a China importou proporcionalmente menos que o Brasil.

O volume exportado (em reais) pelo setor moveleiro brasileiro mais que dobrou ao longo da década (132,6%), enquanto a participação da produção no faturamento e o consumo cresceram numa proporção um pouco menor, em torno de 90% (Tabela 11). Desta maneira, a participação das exportações na produção doméstica apresentou um pequeno acréscimo, de 11,7%, em 2000, para 14,7%, em 2006. Numa primeira aproximação também se pode concluir que a participação das exportações na produção doméstica de móveis tem sido marginal, representando pouco mais de um décimo do que se produz no país.

**Tabela 11 - Setor Moveleiro: produção, consumo e comércio exterior (2000-2006)**

(milhões R\$)

Indicadores	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	Δ total (%)
Produção/Faturamento	7.599	8.631	10.095	10.756	12.543	12.051	14.133	86,0%
Consumo	6.918	7.738	8.767	8.934	10.060	9.901	13.314	92,5%
Exportações	895	1.138	1.566	2.055	2.774	2.429	2.081	132,6%
Importações	263	325	316	304	407	378	426	61,8%

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da SECEX e da ABIMÓVEL.

Por sua vez, as importações de móveis tiveram um crescimento mais modesto neste período (61,8%), praticamente  $\frac{2}{3}$  da expansão do consumo doméstico (92,5%). As importações, que já apresentavam um peso irrelevante no consumo doméstico, diminuíram ainda mais sua participação no mercado local (3,2%), estando restritas a alguns nichos de mercado mais sofisticados, como cadeiras de escritórios e colchões.

Mesmo tendo apresentado uma vigorosa expansão, a inserção internacional do setor moveleiro (exportações e importações) apresentou uma taxa de crescimento bastante inferior ao da indústria brasileira como um todo (Tabela 12). No que se refere às exportações de móveis, estas cresceram 30,1% a menos do que a expansão média das exportações dos demais setores industriais. As importações de móveis, por sua vez, se expandiram 8,3% menos que a média das importações da indústria brasileira. Os dados também indicam que as exportações e as importações, cresceram praticamente na mesma proporção ao longo desta década, 102,2% e 99,7%, respectivamente. Desta maneira, o saldo comercial se manteve na mesma proporção ao final deste período, isto é, aproximadamente 70% do valor das exportações.

**Tabela 12 – Comércio Externo da Indústria Brasileira de Móveis (2000-2007)**

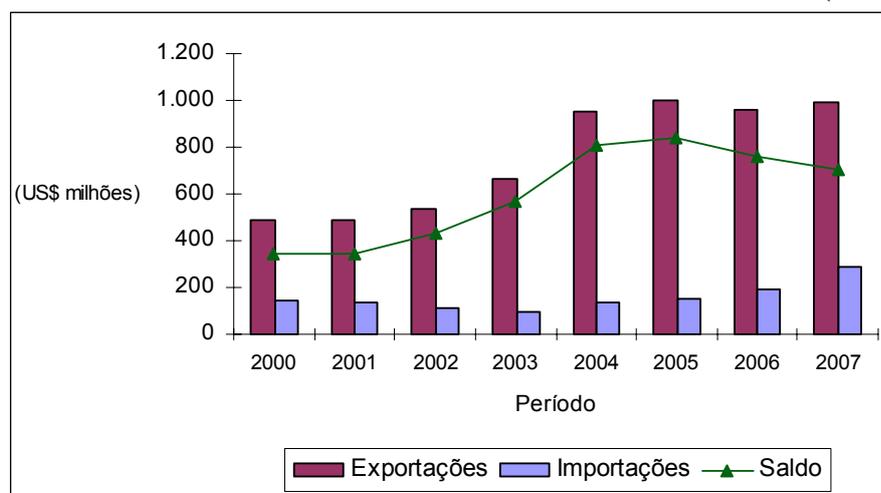
Período	Taxa de câmbio (*)	Exportações			Importações			Saldo
		Indústria	Setor	Part. no total indústria (%)	Indústria	Setor	Part. no total indústria (%)	
2000	100	48.949	489	1,00	53.717	144	0,27	345
2001	113	51.139	484	0,95	53.708	138	0,26	346
2002	113	53.230	536	1,01	45.427	108	0,24	428
2003	103	64.040	668	1,04	46.016	99	0,21	569
2004	99	84.874	948	1,12	60.661	139	0,23	809
2005	84	105.524	998	0,95	70.887	155	0,22	842
2006	79	123.028	956	0,78	87.737	196	0,22	761
2007	74	141.574	989	0,70	116.985	287	0,25	701
<b>Δ total (%)</b>		<b>189,2</b>	<b>102,2</b>	<b>-30,1</b>	<b>117,8</b>	<b>99,7</b>	<b>-8,3</b>	<b>103,3</b>

(\*) Taxa de câmbio – efetiva real – IPA-OG – exportações – índice (média 2000 = 100): Medida da competitividade das exportações brasileiras calculada pela média ponderada do índice de paridade do poder de compra dos 16 maiores parceiros comerciais do Brasil.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da SECEX.

As diferenças de interpretação entre as Tabelas 11 e 12 decorrem do fato desta última incorporar os dados referentes ao ano de 2007. Neste ano, as importações apresentaram uma grande expansão (46,4%) e as exportações permaneceram no mesmo patamar, com um crescimento irrisório de 3,5%. Desta maneira, enquanto a Tabela 11 indica que as importações cresceram bem menos que as exportações no período de 2000 a 2006, a Tabela 12 informa que as importações e as exportações evoluíram na mesma proporção, considerando o período ampliado de 2000 a 2007.

Entre 2001 e 2004, houve uma expansão das exportações e um recuo das importações, de forma que o saldo comercial mais do que dobrou neste período (Gráfico 2). Por sua vez, entre 2004 e 2007, verifica-se uma estagnação das exportações e uma significativa expansão das importações, particularmente no ano de 2007. Estas variações decorreram, em grande parte, da variação cambial. O período 2001-2003 foi marcado pela desvalorização da moeda brasileira, enquanto o período seguinte iniciou-se uma trajetória de forte valorização do real. Desta maneira, pode-se concluir que o comércio internacional do setor moveleiro tem na taxa de câmbio o seu principal determinante.

**Gráfico 2 – Comércio Externo da Indústria Brasileira de Móveis (2000-2007)**

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da SECEX.

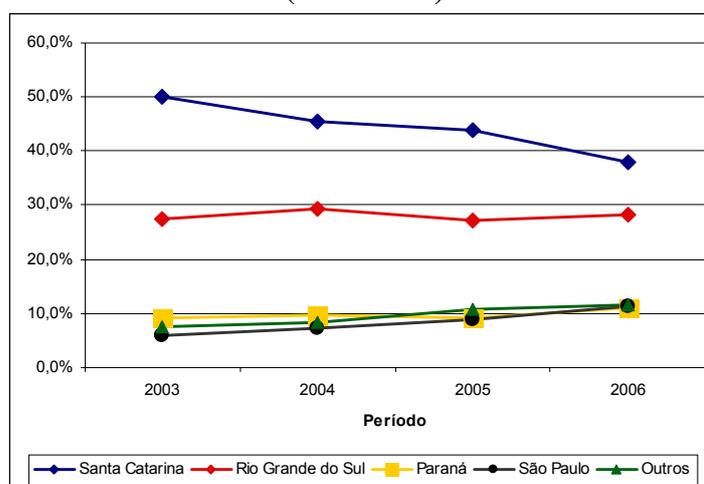
Esta importância do câmbio se deve ao fato de tanto as importações quanto as exportações serem marginais. Por um lado, as importações de móveis são marginais dentro

da estrutura de consumo brasileira. Assim, no caso de uma desvalorização da moeda, os compradores nacionais substituiriam as importações por produtos nacionais equivalentes. Por outro lado, as exportações brasileiras são marginais na estrutura produtiva mundial. Isto porque, além de pouco volume, os móveis exportados pelo Brasil são, em sua grande maioria, subcontratados pelos importadores. Desta forma, uma valorização da moeda brasileira faz com que os importadores passem a subcontratar empresas de outros países.

Apesar das exportações representarem uma pequena parcela da produção moveleira do país, numa análise mais detalhada, observa-se que elas são muito significativas para alguns pólos moveleiros, como é o caso do pólo de São Bento do Sul (SC), onde as exportações representam, em média, 80% da receita das suas empresas. Além disso, independente do pólo em que estão localizadas, as empresas líderes do setor moveleiro têm dedicado uma parcela crescente de sua produção ao mercado externo. Portanto, uma perda de inserção no comércio internacional afetaria de forma negativa as empresas e pólos mais competitivos do país.

As grandes empresas exportadoras de móveis estão concentradas em poucos estados. Os quatro maiores exportadores responderam por 88,5% das vendas de móveis no exterior, em 2006. Santa Catarina continua sendo o estado que mais exporta, apesar da sua participação ter se reduzido significativamente nos últimos anos. O Rio Grande do Sul ocupa a segunda posição, respondendo por aproximadamente 28% do valor das exportações totais. O estado de São Paulo e juntamente com outros como Bahia e Minas Gerais, foram os que mais ampliaram a participação nas exportações de móveis.

**Gráfico 3 – Indústria Brasileira de Móveis: distribuição das exportações por estado (2003-2006)**



Fonte: Elaboração NEIT-IE-UNICAMP com base em dados da ABIMÓVEL.

Alguns fatores explicam esta mudança das participações entre os principais estados exportadores. As exportações de Santa Catarina, particularmente do pólo moveleiro de São Bento do Sul, estão concentradas nos móveis sob encomenda, que são mais suscetíveis às variações cambiais. Por sua vez, as empresas moveleiras do Rio Grande do Sul e de São Paulo buscam realizar exportações diretas de móveis<sup>11</sup>. Por fim, diversas empresas estrangeiras construíram unidades produtivas voltadas exclusivamente para a exportação, em

<sup>11</sup> Segundo apurado em entrevista com Renato Hansen, diretor da MOVERGS: “O pequeno volume exportado é alcançado por empresas que colocam sua própria marca no produto, em geral para lojistas e distribuidores de pequeno porte no exterior. Nesse caso, a exportação não é realizada através de tradings, sob encomenda. É o produtor quem apresenta ao comprador seus produtos e preços, o que exige, por outro lado, o investimento no desenvolvimento da sua marca no exterior” (DA ROSA: 2007, p.88).

alguns estados do Nordeste<sup>12</sup>. Desta maneira, estas exportações são menos afetadas pelas flutuações cambiais.

As exportações de móveis do Brasil destinam-se especialmente aos países desenvolvidos (Tabela 13). Entretanto, ao longo da última década, verifica-se um crescimento das exportações para países em desenvolvimento, com destaque para os vizinhos sul-americanos (Argentina, Chile e Uruguai) e para um país africano, Angola. Ainda assim, o mercado norte-americano continua sendo o grande comprador de móveis brasileiros, respondendo por aproximadamente ¼ do total exportado em 2007.

**Tabela 13 - Indústria Brasileira de Móveis: principais países de destino das exportações (2000 e 2007)**

Posição	Países	2000		2007		
		Valor (US\$ bilhões)	(%)	Países	Valor (US\$ bilhões)	(%)
1º	Estados Unidos	114.879	23,1%	Estados Unidos	247.147	24,5%
2º	Argentina	79.022	15,9%	França	84.129	8,3%
3º	França	69.696	14,0%	Argentina	83.307	8,3%
4º	Reino Unido	37.905	7,6%	Reino Unido	78.712	7,8%
5º	Alemanha	36.716	7,4%	Espanha	57.563	5,7%
6º	Países Baixos	33.047	6,6%	Angola	44.082	4,4%
7º	Uruguai	27.795	5,6%	Chile	42.322	4,2%
8º	Irlanda	10.024	2,0%	Alemanha	36.663	3,6%
9º	Porto Rico	8.208	1,6%	Países Baixos	33.367	3,3%
10º	Portugal	6.367	1,3%	Uruguai	19.655	1,9%
Subtotal	10 Maiores	423.659	85,2%	10 Maiores	726.947	72,0%
Total		497.535	100,0%		1.009.197	100,0%

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da SECEX.

Por sua vez, a maior parte das importações tem como origem os países desenvolvidos (Tabela 14). Os EUA e a Alemanha continuam sendo os principais fornecedores dos móveis importados pelo mercado brasileiro, respondendo por ⅓ destas vendas, em geral com produtos mais sofisticados. Nos últimos anos, tem se observado o crescimento das importações de móveis vindos de países em desenvolvimento, particularmente da China e da Polônia, que buscam repetir no Brasil o excelente desempenho alcançado no mercado internacional.

<sup>12</sup> A italiana Natuzzi, maior fabricante mundial de móveis possui duas unidades produtivas na Bahia.

**Tabela 14 - Indústria Brasileira de Móveis: principais países de origem das importações (2000 e 2007)**

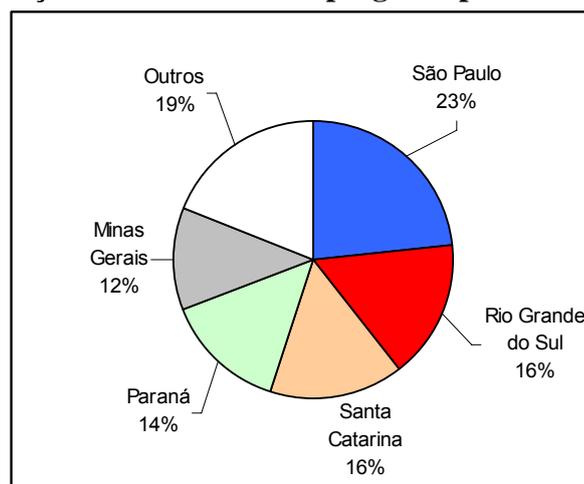
Posição	Países	2000		2007		
		Valor (US\$ bilhões)	(%)	Países	Valor (US\$ bilhões)	(%)
1º	Estados Unidos	44.199	29,9%	Estados Unidos	65.794	22,3%
2º	Alemanha	40.844	27,6%	Alemanha	30.967	10,5%
3º	Itália	11.984	8,1%	França	19.375	6,6%
4º	França	9.902	6,7%	Espanha	13.903	4,7%
5º	Argentina	6.655	4,5%	China	12.349	4,2%
6º	Espanha	5.944	4,0%	Itália	11.973	4,1%
7º	Japão	2.483	1,7%	Japão	9.180	3,1%
8º	Reino Unido	2.387	1,6%	Polônia	4.492	1,5%
9º	China	2.349	1,6%	Reino Unido	3.908	1,3%
10º	Uruguai	2.334	1,6%	Argentina	2.599	0,9%
Subtotal	10 Maiores	129.080	87,4%	10 Maiores	174.540	59,2%
Total		147.741	100,0%		294.590	100,0%

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da SECEX.

### 3.5. Os Pólos Moveleiros Nacionais

A indústria moveleira se encontra dispersa por todo o território nacional. Entretanto, a maior parte das empresas se concentra em poucos estados. Do ponto de vista da distribuição geográfica, observa-se que esta indústria localiza-se principalmente na região centro-sul do país, que responde por 83% das empresas nacionais e por 86% da mão-de-obra empregada pelo setor. As empresas que compõem a indústria moveleira se concentram nos seguintes estados: São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro (Gráfico 4). Entretanto, são os três primeiros estados citados que juntos somam mais da metade das empresas e do emprego desta indústria e aproximadamente 80% das exportações.

**Gráfico 4 – Indústria Moveleira Brasileira: distribuição do número de empregados por estado (2006)**



Fonte: Elaboração NEIT-IE-UNICAMP com base em dados do RAIS/MTE.

A principal característica da indústria moveleira no Brasil, assim como em outros países, é que ela se apresenta estruturada em pólos regionais que, por sua vez, apresentam um determinado padrão de especialização (Tabela 15). Entretanto, a elevada diversidade

geográfica, econômica e cultural do país, se reflete nos pólos moveleiros, que passam a apresentar características muito diferentes entre si. Estes diferentes padrões de especialização regionais permitem que a indústria moveleira nacional apresente uma estrutura bastante diversificada.

**Tabela 15 - Principais Pólos Moveleiros do Brasil: porte das empresas (2006)**

<b>Pólos</b>	<b>Número de Empresas</b>	<b>Número de Funcionários</b>	<b>Porte Médio das Empresas</b>
Bento Gonçalves (RS)	564	13.097	23
São Bento do Sul (SC)	210	10.030	48
Arapongas (PR)	389	12.120	31
Grande São Paulo (SP)	2.100	20.000(*)	10
Mirassol (SP)	280	5.100	18
Votuporanga (SP)	187	4.018	21
Ubá (MG)	610	9.231	15
Linhares (ES)	77	5.007	65

(\*) Número estimado de funcionários.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da RAIS/MTE.

Dado que, no Brasil, os principais pólos moveleiros apresentam uma diferenciação muito acentuada é importante uma análise mais detalhada de cada um deles, particularmente no que se refere ao nível de capacitação produtiva e inovadora.

#### *Bento Gonçalves (RS)*

Este pólo teve sua origem no final do século XIX, quando os primeiros marceneiros, em geral imigrantes italianos, começaram a produção de móveis<sup>13</sup>. A produção de móveis em série iniciou-se na década de 50 e, desde então, tem apresentado elevadas taxas de crescimento. Neste pólo estão localizadas algumas das maiores e mais modernas empresas moveleiras do país<sup>14</sup>, que se destacam pela elevada qualidade e pelo *design* inovador. Estas empresas líderes concentram-se na produção de móveis retilíneos de madeira reconstituída. Este pólo também congrega diversas micro e pequenas empresas direcionadas, na maioria dos casos, para a produção de móveis de madeira maciça e móveis metálicos.

A quase totalidade da produção deste pólo se destina aos móveis residenciais: 56,2% das empresas produzem dormitórios e 48,8%, móveis de cozinha. Apesar de a produção estar voltada, predominantemente, para o mercado interno, o pólo moveleiro de Bento Gonçalves responde por aproximadamente 1/4 das exportações brasileiras de móveis, sendo o segundo maior pólo exportador do país. Atualmente, é constituído por aproximadamente 560 empresas, empregando mais de 13 mil funcionários e faturando acima de R\$ 1,2 bilhão, o que representa aproximadamente 50% das atividades econômicas do município.

O desenvolvimento da indústria moveleira de Bento Gonçalves deve-se, em grande parte, à intensa cooperação existente entre os empresários locais. O avanço das ações conjuntas permitiu que o pólo de Bento Gonçalves passasse a ser reconhecido como o principal APL moveleiro do país. Os principais frutos das ações conjuntas, apresentados a seguir, buscam institucionalizar os canais de cooperação: (a) o CETEMO – Centro de Tecnologia Moveleira (SENAI), o principal centro de pesquisa moveleira do país, criado na

<sup>13</sup> Este pólo moveleiro localiza-se na região da chamada Serra Gaúcha, englobando, além de Bento Gonçalves, as cidades de Garibaldi, Gramado, Caxias e Flores da Cunha.

<sup>14</sup> Dentre estas empresas, destaca-se a Todeschini, a maior empresa moveleira da América Latina. Outras empresas de destaque do pólo de Bento Gonçalves são: SCA, Dellano, Florense, Bertolini e Telasul.

década de 80; (b) CGI – Centro Gestor de Inovação; (c) curso superior em tecnologia em produção moveleira, no campus de Bento Gonçalves da Universidade de Caxias do Sul (UCS); (d) FIMMA – Feira Internacional de Máquinas, Matérias-Primas e Acessórios para a Indústria Moveleira; e (e) Centro de Distribuição que as próprias empresas região construíram nos Estados Unidos, de forma que são empregados do pólo que fazem os contatos com os lojistas dos Estados Unidos.

#### *São Bento do Sul (SC)*

O pólo moveleiro de São Bento do Sul surgiu nos anos 50, da atividade dos imigrantes alemães, poloneses e austríacos, estando voltado inicialmente para produção de móveis coloniais de alto padrão. Desde os anos 80, o pólo de São Bento do Sul se converteu no maior pólo exportador do país, respondendo, atualmente, por quase 40% das vendas de móveis brasileiros no exterior<sup>15</sup>. Na estrutura produtiva, observa-se que a grande maioria das empresas do pólo, independentemente do porte, opera direta ou indiretamente com exportações. Atualmente, a quase totalidade das empresas é especializada na produção de móveis torneados de madeira maciça reflorestada, especialmente o pínus. Estes móveis são exportados, na maioria dos casos, através de *tradings* estrangeiras, que trazem o *design* do exterior, com planos detalhados, definindo os modelos e as especificações técnicas. Entretanto, algumas empresas do pólo utilizam as feiras internacionais para realizar o contato diretamente com as lojas e os revendedores, o *design*, porém, é sempre do cliente.

Este pólo moveleiro possui aproximadamente 210 empresas e 10 mil empregados e destina em torno de 80% da produção para o mercado externo. Outra característica a ser destacada é o fato de apresentar estrutura produtiva menos verticalizada. Em geral, as empresas compram a madeira pronta, já processada e colada. O torneado e a pintura também são terceirizados para micro e pequenas empresas da região, dado que são atividades intensivas em mão-de-obra.

Por fim, cabe ressaltar a importância da cooperação local entre as empresas, que resultou na criação de duas importantes instituições: a FETEP – Fundação de Ensino, Tecnologia e Pesquisa de São Bento do Sul, e o CIN – Centro Internacional de Negócios, que coordena e apóia as empresas exportadoras de móveis.

#### *Arapongas (PR)*

Arapongas é o principal pólo moveleiro do estado do Paraná, contando com aproximadamente 12 mil trabalhadores e 389 empresas. Estas empresas faturaram mais de R\$ 900 milhões, em 2006, o que representa mais de 60% das receitas do município. Este pólo está voltado para produção de móveis residenciais populares, destacando-se o segmento de estofados. Na estrutura produtiva, destacam-se algumas médias e grandes empresas que possuem maquinário mais avançado e exportam parte da produção.

#### *Ubá (MG)*

Localizada no estado de Minas Gerais<sup>16</sup>, Ubá é um dos principais pólos moveleiros do país. As primeiras empresas surgiram nos anos 50. Atualmente, possui um conjunto de aproximadamente 600 empresas, responsáveis por mais de nove mil empregos diretos. O pólo de Ubá abriga a maior empresa de móveis de aço da América Latina<sup>17</sup>, além de três

<sup>15</sup> A maior exportadora de móveis do Brasil, a Artefama, encontra-se em São Bento do Sul. Outras empresas de destaque deste pólo são: Rudnick, Neumann, Zipperer, Weiherman e Serraltense.

<sup>16</sup> Apesar de terem uma participação bem menor, cabe destacar o crescimento das regiões de Poços de Caldas, São João Del Rei e Uberlândia, como importantes produtoras de móveis.

<sup>17</sup> A Móveis Itatiaia.

outras grandes. Entretanto, a maior parte das empresas é de micro e pequeno porte voltadas para produção de móveis residenciais de madeira (maciça e painéis) destinados ao mercado interno. Apenas um pequeno volume de móveis para escritório é comercializado no mercado externo. O pólo conta também com um curso superior em *design* na UEMG – Universidade Estadual de Minas Gerais, além do CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica, que oferece cursos técnicos para o setor moveleiro.

#### *Linhares (ES)*

Nos últimos quinze anos, o pólo moveleiro de Linhares cresceu e se consolidou como um dos maiores do país. Atualmente, setenta empresas compõem o setor, considerado a principal atividade econômica do município e responsável pela geração de aproximadamente cinco mil empregos diretos. Na estrutura produtiva destacam-se três grandes empresas com produção seriada<sup>18</sup>. Além destas, existem as micro e pequenas empresas direcionadas para produção de móveis sob encomenda. Os móveis de dormitório de madeira são o carro-chefe do pólo de Linhares. Com relação às instituições de apoio, duas se destacam: o SINDIMOL – Sindicato das Indústrias da Madeira e do Mobiliário de Linhares e Região Norte do Espírito Santo, que coordena as ações coletivas do pólo, e o Senai, que oferece cursos técnicos voltados para a produção moveleira.

#### *Mirassol (SP)*

O pólo de Mirassol congrega aproximadamente 280 empresas, que respondem por cerca de cinco mil empregos diretos e por mais de 50% das atividades industriais do município e cerca de um terço da arrecadação municipal. O pólo de Mirassol, que teve sua origem nos anos 40, apresenta uma estrutura de mercado heterogênea, no que se refere ao porte e à origem das empresas. O pólo estava centrado em três empresas líderes, fundadas em meados dos anos 70. Apenas uma delas continua em destaque<sup>19</sup>. Ao lado das empresas de grande porte, coexiste um conjunto de micro e pequenas empresas, que na maior parte dos casos foram criadas por ex-empregados das empresas líderes. As empresas deste pólo estão concentradas na produção de móveis residenciais, particularmente de painéis de madeira reconstituídos.

#### *Votuporanga (SP)*

O pólo moveleiro de Votuporanga foi criado a partir dos anos 80, abrigando, atualmente, cerca de 180 empresas e quatro mil funcionários. A maioria das empresas do pólo de Votuporanga está voltada para o mercado interno, destacando-se a produção de móveis residenciais de madeira, além da crescente participação das empresas produtoras de móveis estofados e de móveis metálicos. Para se entender o rápido desenvolvimento da indústria moveleira de Votuporanga, é fundamental destacar as ações conjuntas de diversas empresas da região na busca de maior capacitação tecnológica e organizacional.

#### *Grande São Paulo (SP)*

Esta indústria apresenta características bastante particulares, ao se comparar com os demais pólos moveleiros do país. De certa forma, é errôneo referir-se à indústria moveleira da Grande São Paulo como sendo um APL produtor de móveis, devido à sua elevada heterogeneidade e baixo grau de associativismo. Atualmente, são mais de duas mil empresas cadastradas no SINDIMOV – Sindicato da Indústria do Mobiliário de São Paulo. Apesar da

<sup>18</sup> As empresas de grande porte são: Movelar, Rimo e Delare, que destinam uma pequena parcela da produção para o mercado externo.

<sup>19</sup> A Casa Verde, voltada produção de móveis residenciais destinados principalmente ao mercado paulista.

elevada heterogeneidade, a indústria moveleira da Grande São Paulo pode ser dividida em dois segmentos: o de móveis residenciais e o de móveis para escritório. A quase totalidade do segmento de móveis residenciais é composta de micro e pequenas empresas, sendo em sua maioria marcenarias que fabricam móveis de madeira maciça sob encomenda para residências e empresas da própria região. Por sua vez, no segmento de móveis para escritórios se destacam grandes empresas, sendo muitas delas associadas às firmas estrangeiras<sup>20</sup>.

### Quadro 1 - Principais Pólos Moveleiros do Brasil: estrutura produtiva (2006)

Pólos	Capacitação Produtiva	Principais Produtos e Mercados
<b>Bento Gonçalves (RS)</b>	Maior capacitação tecnológica e de <i>design</i> do país.	Cozinhas e dormitórios de alto padrão: retílineos de painéis e metálicos.
<b>São Bento do Sul (SC)</b>	Empresas líderes exportadoras com elevada capacitação produtiva, mas ausência de <i>design</i> próprio. PMEs, subcontratadas das grandes empresas.	Móveis residenciais para exportação: torneados de madeira maciça (pinus).
<b>Arapongas (PR)</b>	Empresas líderes com capacitação média. PMEs com tecnologia inferior.	Móveis populares: Estofados e retílineos de painéis.
<b>Grande São Paulo (SP)</b>	Estrutura Heterogênea: (1) <i>Móveis Seriados</i> : Grandes empresas com alta tecnologia; (2) <i>Móveis Sob Encomenda</i> : PMEs estrutura artesanal; (3) <i>Móveis de Escritório</i> : Elevada complexidade produtiva.	(a) Móveis residenciais populares: retílineos de painéis e sob encomenda; (b) Móveis de alto padrão: sob encomenda; (c) Móveis de Escritório.
<b>Mirassol (SP)</b>	Empresa líder com capacitação média. PMEs intensivas em mão-de-obra.	Móveis residenciais de padrão médio: retílineos de painéis, torneados e estofados.
<b>Votuporanga (SP)</b>	PMEs buscam ações conjuntas.	Móveis residenciais de padrão médio: retílineos de painéis e torneados de madeira maciça.
<b>Ubá (MG)</b>	Empresas líderes com elevada capacitação produtiva. PMEs em setores intensivos em mão-de-obra.	Móveis residenciais e de escritório populares: metálicos, retílineos e torneados.
<b>Linhares (ES)</b>	Empresas líderes com capacitação média. PMEs intensivas em mão-de-obra.	Dormitórios: retílineos de painéis e torneados.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP.

## IV. Desafios Competitivos da Indústria Brasileira de Móveis

A indústria brasileira de móveis não acompanhou a evolução da indústria brasileira em geral, ao longo da última década. O valor da produção se manteve praticamente estagnado, enquanto a produtividade do trabalho e a agregação de valor ao produto regrediram neste período. Os únicos indicadores que apresentaram resultados positivos foram os referentes à geração de emprego e às exportações, mas, mesmo nestes casos, o desempenho foi bastante inferior ao da indústria brasileira como um todo.

Desta maneira é recomendável uma análise mais detalhada sobre os fatores críticos de competitividade desta indústria: (a) capacidade de inovação e de diferenciação de produtos, principalmente o desenvolvimento de *design* próprio; (b) aperfeiçoamento do processo produtivo, associados à incorporação de novas máquinas e equipamentos, bem como ao incremento da escala e escopo da produção; (c) incorporação de novos insumos e matérias-primas ao processo produtivo; (d) adoção de inovações organizacionais que visem a modernização e a racionalização dos processos produtivos e comerciais das empresas; e (e) fortalecimento dos arranjos produtivos locais. Por sua vez, a análise destes fatores de

<sup>20</sup> Dentre elas, destaca-se a Giroflex, a maior empresa de móveis de escritório da América Latina.

competitividade deve considerar o caráter heterogêneo da estrutura produtiva da indústria moveleira nacional, onde se verifica a coexistência de empresas com capacitações competitivas muito distintas.

Como visto anteriormente, o dinamismo tecnológico da indústria moveleira é determinado pelo aprimoramento do *design*, pelas máquinas e equipamentos utilizados no processo produtivo e pela introdução de novos materiais. Dentre eles, o único fator próprio da indústria moveleira é o *design*. Na indústria brasileira são raras as empresas que têm adotado a estratégia de desenvolvimento de um *design* próprio de forma a ser um elemento de vantagem competitiva. Dentre as inovadoras em *design*, destacam-se as grandes produtoras de móveis residenciais do pólo de Bento Gonçalves e algumas empresas líderes na produção de móveis para escritório, localizadas, em sua maioria, na grande São Paulo. O que se verifica nesta indústria é a predominância de cópias e adaptações de projetos já existentes, sendo esta estratégia utilizada pela quase totalidade das micro e pequenas empresas. A maioria das grandes empresas exportadoras, por sua vez, são subcontratadas para executar os projetos estrangeiros. Desta maneira, o desenvolvimento e a incorporação de *design* próprio aos seus produtos é um dos maiores desafios competitivos da indústria moveleira nacional. A inovação em *design* é o elemento central na criação de maior valor por esta indústria, além de permitir uma inserção ativa no comércio internacional.

Com relação à incorporação de novas máquinas e equipamentos, observa-se que estas ainda estão restritas a algumas médias e grandes empresas, particularmente dos segmentos de móveis seriados. A maioria das micro e pequenas empresas busca assentar a sua competitividade na habilidade e, principalmente, nos baixos custos da mão-de-obra, incorporando poucas inovações em máquinas e equipamentos. Mesmo quando estas são introduzidas, ocorre com frequência situações que os equipamentos de última geração passam a conviver com equipamentos defasados dentro de uma mesma linha de produção. Políticas que incentivassem a incorporação dos avanços tecnológicos proporcionariam maiores ganhos de escalas, aumento de flexibilidade produtiva, melhoria da qualidade dos produtos e avanços na produtividade das empresas do setor moveleiro.

No que diz respeito à incorporação de novos materiais, observa-se que, de forma geral, as empresas brasileiras passaram a utilizar mais intensivamente os painéis de madeira reconstituída e as madeiras reflorestadas, como o pínus e o eucalipto. A incorporação destas novas matérias-primas tem permitido agregar maior valor aos produtos, além de possibilitar a exportação de móveis para países cuja legislação impede a comercialização de madeiras nativas. Entretanto, seria importante que o Brasil avançasse na utilização de madeiras nativas exploradas de forma sustentável. Esta política ajudaria na preservação das florestas nativas, além de impedir a utilização destas madeiras in-natura, como na construção civil ou mesmo na exportação.

A adoção de inovações organizacionais na indústria brasileira de móveis está restrita a algumas grandes e médias empresas. Por sua vez, a quase totalidade das micro e pequenas empresas não acompanhou a introdução destas inovações, mantendo características muito artesanais que funcionam como limitações para o incremento da produtividade, a redução dos custos e a melhoria da qualidade dos seus produtos. Desta maneira, é importante que as empresas desta indústria, particularmente as de menor porte, passem a incorporar as inovações organizacionais de forma contínua.

Um último fator de competitividade a ser considerado é o fortalecimento dos pólos moveleiros, de forma que as vantagens de aglomeração sejam aprofundadas. Para isto é fundamental o desenvolvimento de ações coletivas de caráter cooperativo, com destaque para as propostas que busquem diminuir a elevada verticalização da estrutura produtiva. O

desenvolvimento dos arranjos produtivos se configura em elemento essencial para a competitividade dos fabricantes de móveis, principalmente os de menor porte, que passam a ter a oportunidade de aproveitar as externalidades positivas geradas localmente. Entretanto, é de suma importância que a formulação e implementação destas políticas levem em consideração as especificidades de cada um dos diferentes pólos que compõem a indústria brasileira de móveis.

## Referências Bibliográficas

- ARRUDA, G. **Desafios e Evolução. Indústria Brasileira do Mobiliário**. Curitiba, Ed. Alternativa, 1997.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DO MOBILIÁRIO (ABIMÓVEL). **Panorama da Indústria Brasileira de Móveis**. São Paulo, CEDOC-ABIMÓVEL, ago. 2006.
- CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **Panorama Setorial do Estudo Prospectivo Setorial – Móveis**. Brasília, jan. 2008.
- CENTRO GESTOR DA INOVAÇÃO MOVELEIRO (CGI-MOVELEIRO). **Brasil Móveis 2007 – Relatório Setorial da Indústria de Móveis do Brasil**. Pordenone, MOVERGS/IEMI/Centro Gestor da Inovação Moveleiro/UCS/Centro de Formazione Pordenone, fev. 2008.
- COUTINHO, L.G. Estratégia empresarial e design. **Desenho Industrial FIESP**, São Paulo, n.15, p.1-6, jan. 1997.
- DA ROSA, S.E.S.; CORREA, A.R.; LEMOS, M.L.; BARROSO, D.V. **O setor de móveis na atualidade: uma análise preliminar**. BNDES, Rio de Janeiro, 2007.
- FARINA, E. Cadeia da indústria de madeira e móveis. In: UNICAMP. **Estudo da competitividade por cadeias produtivas**. Campinas: UNICAMP, 2003.
- FERREIRA, M.J.B. **Indústria brasileira de móveis – Design como fator de competitividade na indústria moveleira**. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia. Convênio: SEBRAE/FINEP/ABIMÓVEL/FECAMP/UNICAMP/IE/NEIT. Campinas, ago. 1998.
- GEREMIA, F. **Dinâmica competitiva e processo de aprendizagem no arranjo produtivo local moveleiro da região oeste de Santa Catarina**. Dissertação de Mestrado em Economia na UFSC, 2004.
- GORINI, A.P.F. **Panorama do setor moveleiro no Brasil, com ênfase na competitividade externa a partir do desenvolvimento da cadeia industrial de produtos sólidos de madeira**. BNDES: Rio de Janeiro, 1998.
- HENKIN, H. **Cenário Moveleiro: Análise econômica e suporte para decisões empresariais**. Bento Gonçalves, MOVERGS/FINEP/CGI-Moveleiro, n. 2, 2008
- RANGEL, A. de S. Competitividade da indústria de móveis de madeira. **Nota Técnica Setorial**, MCT, FINEP, PADCT, Campinas, 1993.
- SOUZA, M.C.A.F. **Pequenas e Médias Empresas na Reestruturação Industrial**. Brasília: Ed. SEBRAE, 1995.
- TIGRE, P.B. **Gestão da Inovação: A Economia da Tecnologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2006.